

História de Vida: Origens, Debates Contemporâneos e Possibilidades no Campo da Administração

Autoria: Pedro Jaime, Arilda Schmidt Godoy, Claudia Simone Antonello

RESUMO / TEMA: Problemas e estratégias metodológicas da prática de pesquisa

Partindo da premissa de que a pesquisa qualitativa é multimétodo por excelência, nos propomos a apresentar a história de vida como mais uma alternativa à pesquisa em administração, ressaltando suas conexões com outras estratégias metodológicas, a exemplo da entrevista, da análise documental e da observação. O artigo não pretende ser um *overview*, ou seja, o propósito não é apresentar uma vasta revisão das pesquisas em administração que fizeram uso da história de vida. Trata-se, antes, de reconstruir a origem desse método e recuperar alguns debates contemporâneos a respeito da sua aplicação nas ciências sociais, para, em seguida, apontar suas possibilidades no campo da administração. Nesse sentido, resenhamos e discutimos algumas experiências de pesquisa em administração que fizeram uso da história de vida, bem como sugerimos uma agenda de temas em relação aos quais julgamos que o uso desse método pode ser proveitoso. O nosso propósito maior é contribuir para o efetivo alargamento das possibilidades metodológicas no âmbito da pesquisa em administração, abordando uma estratégia que nos parece promissora para o avanço do conhecimento em diferentes áreas temáticas dessa disciplina.

Introdução

No clássico artigo “Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences”, Lincoln e Guba (2000) apontam as contribuições das abordagens pós-estruturalistas e pós-modernistas à pesquisa em ciências sociais. Dentre elas, destacam: o retorno do sujeito, o questionamento da “verdade”, a aceitação de “verdades parciais”, a valorização de posturas mais dialógicas na relação observador-observado e a busca de novas estratégias narrativas para apresentação dos resultados da investigação. Eles afirmam também, sustentados em Geertz (1997), que, nos dias de hoje, há não apenas uma “mistura de gêneros” no que se refere aos paradigmas teóricos, como também aos procedimentos metodológicos. Ou seja, os pesquisadores podem empreender uma justaposição de estratégias de investigação, desde que tenham o devido cuidado e procedam com rigor.

É dentro desse quadro de referência que se inscreve a contribuição que pretendemos apresentar nesse artigo. Partindo da premissa de que a pesquisa qualitativa é multimétodo por excelência, nos propomos a abordar a história de vida como mais uma alternativa à pesquisa em administração, ressaltando suas conexões com outras estratégias metodológicas, a exemplo da entrevista, da análise documental e da observação.

Cabe ressaltar que o artigo não pretende ser um *overview*, ou seja, o propósito não é apresentar uma vasta revisão das pesquisas em administração que fizeram uso da história de vida. Trata-se, antes, de reconstruir a origem desse método e recuperar alguns debates contemporâneos a respeito da sua aplicação nas ciências sociais, para, em seguida, apontar suas possibilidades no campo da administração.

Assim, o texto está estruturado em três seções. Na próxima, recuperamos brevemente a emergência da história de vida, as reações críticas a esse método no ambiente institucional da sociologia estado-unidense, bem como retomamos alguns debates contemporâneos em torno dessa abordagem metodológica. Na seção seguinte, apontamos suas possibilidades de aplicação no campo da administração. Nesse sentido, resenhamos e discutimos algumas experiências de pesquisa em administração que fizeram uso da história de vida. Finalmente, nas conclusões, sugerimos uma agenda de temas em relação aos quais julgamos que o uso da história de vida pode ser proveitoso.

O nosso propósito maior com esse artigo é contribuir para o efetivo alargamento das possibilidades metodológicas no âmbito da pesquisa em administração, abordando uma estratégia que nos parece promissora para o avanço do conhecimento em diferentes áreas temáticas dessa disciplina.

História de vida: origens e debates contemporâneos

A utilização da história de vida notabilizou-se nas ciências sociais desde a sua extensa utilização pela Escola de Chicago nos anos 1920. Sob a liderança de Robert E. Park, um grupo de pesquisadores conquistou grande popularidade para essa abordagem metodológica, que passou a ser uma das mais utilizadas no departamento de sociologia dessa universidade. Os estudos particulares sobre os chamados “desviantes”, isto é, imigrantes, jovens delinquentes, prostitutas, se articulavam para fornecer uma espécie de mosaico da cidade de Chicago nesse período (FARADAY E PLUMMER, 1979; BERTAUX, 1993 E BECKER, 1999).

Segundo Becker (1999), tal método atribui grande importância às interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência, representando assim uma rica via de acesso ao vivido subjetivo. Ou seja, é valorizada a versão dos fenômenos construída pelos próprios atores sociais. Sendo assim, a história de vida representa uma estratégia metodológica na qual os discursos, às narrativas dos sujeitos ganham um valor central para a compreensão dos

fenômenos sociais (CZARNIAWSKA, 2002 E RIESSMAN, 2002). É esse o sentido da definição de Queiroz (1991, p. 6), para quem a história de vida representa “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”.

Quando da sua origem, essa perspectiva sofreu reações por parte do *mainstream* da sociologia estado-unidense. Argumentava-se que tal abordagem apresentava resultados vagos, baixa capacidade de generalização e um diálogo insuficiente com a teoria. A história de vida era considerada pouco confiável, aproximando-se mais da literatura e do jornalismo do que do método científico, como determinava os ditames positivistas (BECKER, 1999).

Todavia, pouco a pouco a história de vida foi superando essa condição marginal e sobretudo a partir dos anos 1980 passou a assumir o seu lugar no rol das metodologias qualitativas (FARADAY E PLUMMER, 1979; BERTAUX, 1993 E DAVIS, 2003). A construção da sua legitimidade passou, inicialmente, pela apresentação de respostas as críticas a ela endereçadas, mas ainda dentro de um mesmo campo de referências. Nesse sentido é interessante observar a preocupação de Howard Becker com relação às expectativas dos críticos quanto ao estatuto científico da história de vida. Constatamos isso nas passagens abaixo que revelam sua intenção de demarcar a distinção entre essa abordagem metodológica e a literatura.

Certamente não é ficção, embora os documentos de história de vida mais interessantes tenham uma sensibilidade, um ritmo e uma urgência dramática que qualquer romancista adoraria conseguir [...] As diferenças entre estas formas residem tanto na perspectiva a partir da qual o trabalho é realizado quanto nos métodos utilizados. O escritor de ficção, é claro, não se preocupa em absoluto com fatos, mas, antes, com o impacto emocional e dramático [...] A fidelidade para com o mundo como ele existe é somente um dos muitos problemas para ele, e para muitos autores este é um aspecto de importância menor [...] Comparada a estas formas mais imaginativas e humanísticas, a história de vida se aproxima mais do terra-a-terra [...] se interessa menos por valores artísticos do que por um relato fiel da experiência e interpretação por parte do sujeito do mundo no qual vive (BECKER, 1999, p. 102).

Ademais, Becker fez questão de frisar que a história de vida, quando bem utilizada, possui um valor teórico, e não apenas operacional ou de vaticínio. Isto porque deve manter o pesquisador orientado para os temas sobre os quais a sociologia está interessada. Assim, ele acreditava que uma compreensão mais completa da complexidade do empreendimento científico levaria a comunidade científica a reconhecer o valor dessa abordagem metodológica. Os debates contemporâneos sobre a utilização da história de vida têm procurado justamente refletir sobre essa complexidade, de forma tal que as potencialidades desta abordagem metodológica vão sendo consideradas de maneira mais livre do viés positivista.

Tais reflexões procuram ressaltar que a história de vida permite captar o que acontece na interseção do individual com o social. Nesse sentido, diversos autores enfatizam que, ao trabalhar com essa abordagem metodológica, é importante que o pesquisador evite aprisionar-se em oposições como micro-social / macro-social, realidade subjetiva / realidade objetiva, indivíduo / sociedade, agência / estrutura, biografia / história (CRAPANZANO, 1984; KOFES, 1994 E 2001; DAVIS, 2003 E BOURDIEU, 2004).

Ao fazerem essa ressalva, eles apontam para uma perspectiva de complementaridade. Dessa perspectiva, narrar uma biografia, contar a história de vida de um sujeito, é falar de aspectos subjetivos, isto é, do seu ponto de vista sobre determinado assunto, das suas interpretações sobre sua experiência, das escolhas, negociações que fez durante seu percurso (agência), portando do micro-social e da realidade subjetiva. Mas, é também abordar os constrangimentos estruturais que se colocam na trajetória desse sujeito, o contexto histórico-

social (tempo / lugar) no qual se construiu essa trajetória, ou seja, a dimensão macro-social, a realidade objetiva (CRAPANZANO, 1984; KOFES, 1994 E 2001; DAVIS, 2003 E BOURDIEU, 2004).

O artigo “A ilusão biográfica”, de Pierre Bourdieu é bem significativo dessa advertência à utilização da história de vida como abordagem metodológica. Para ele, a idéia de uma biografia é uma ilusão, pois o que está em jogo, na verdade, é um campo de relações objetivas. Vejamos o que diz o próprio autor.

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um ‘sujeito’ cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como *alocações* e como *deslocamentos* no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 2004, p. 81-82).

Nesse sentido, Bourdieu talvez não concordasse com a sua inclusão no referencial teórico de um artigo que advoga pelo uso da história de vida como abordagem metodológica. Todavia, de acordo com a nossa leitura, suas críticas servem como advertência para que o pesquisador, ao utilizar a história de vida como estratégia de pesquisa, esteja atento para a complexidade que envolve a produção do conhecimento na realidade contemporânea, considerando que os atores se movimentam dentro (e apesar) das estruturas sociais.

A busca de uma maior complexidade na utilização dessa abordagem metodológica nos remete a uma outra questão. Costuma-se afirmar, com razão, que a história de vida possibilita o encontro de elementos do presente com evocações passadas, na medida em que trabalha a partir da memória dos sujeitos em análise. Todavia, é importante lembrar que, como bem adverte Crapanzano (1984), dada a natureza retrospectiva da reconstrução das narrativas pelo pesquisador, cabe questionar se ele está analisando as opções “reais” dos atores, as escolhas que foram feitas lá mesmo nos momentos da vida que estão sendo relatados, ou opções selecionadas para justificar escolhas feitas anteriormente. Colocando a questão de forma interrogativa: quando narram ao pesquisador suas histórias os atores estão apresentando as decisões que tomaram em determinados momentos do curso de suas vidas a partir das interpretações que construíram lá mesmo nesses momentos, ou se tratam de interpretações retrospectivas, construídas hoje para dar sentido a acontecimentos passados? Do nosso ponto de vista, essa é uma falsa questão, uma vez que, em se tratando de uma abordagem metodológica que valoriza e deve saber tirar proveito da subjetividade na construção do conhecimento, podemos dizer que são reais tanto as escolhas que os atores fizeram nos momentos da vida que estão sendo relatados, quanto as reelaborações que fazem sobre esses momentos passados. A perspicácia do pesquisador em captar essas diferenças e saber dar sentido a elas é que vai determinar um uso mais complexo da história de vida.

Com essas observações, pretendemos advertir o leitor para os riscos de aprisionamento da história de vida no marco do viés positivista, o que pode retirar toda a força dessa abordagem metodológica. Os “dados” “coletados” através da história de vida não configuram jamais algo bruto. São frutos de interpretações. Antes mesmo da interpretação elaborada pelo pesquisador, temos aquela que o sujeito constrói sobre sua própria vida. Em outras palavras, existem várias maneiras de narrar, contar uma história de vida. O sujeito produz sua narrativa não apenas a partir de um tempo / lugar. Ele leva em conta, também, quem é o seu interlocutor (o pesquisador), quais são os objetivos da pesquisa e a sua audiência, etc. (CRAPANZANO, 1984; KOFES, 1994 E 2001; DAVIS, 2003 E BOURDIEU, 2004).

É novamente Pierre Bourdieu quem apresenta uma importante observação nesse sentido. Diz ele: “o objeto próprio desses discursos, isto é, a apresentação pública, logo, a oficialização, de uma representação privada de sua própria vida, implica um acréscimo de

limitações e de censuras específicas” (BOURDIEU, 2004, p. 80-81). Ou, retomando Crapanzano (1984), poderíamos dizer que a história de vida é o resultado de uma complexa negociação que o próprio sujeito faz na constituição de si mesmo. Dessa forma, ao invés de buscar cegamente “a verdade”, é importante incorporar na análise as ambigüidades, as contradições, a descontinuidade, a não-linearidade da narrativa (DAVIS, 2003).

Para encerrar essa seção, apontamos que, classicamente, as histórias de vida são construídas a partir de entrevistas qualitativas em profundidade (MASON, 2002 E BRYMAN, 2004). Mas, na sua elaboração pode-se recorrer também à análise documental (matérias escritas, diários e outros documentos) e mesmo à observação direta da ação do sujeito em suas condições concretas de vida. Isto reforça o caráter multimétodo da pesquisa qualitativa. No que se refere ao uso de entrevistas, vale ressaltar que, tendo em vista os debates apontados acima, a entrevista deve ser pensada nessa abordagem metodológica como um evento interativo, uma co-produção, uma atividade dialógica, uma performance que envolve as atividades de ambos: o entrevistador e o entrevistado (CRAPANZANO, 1984; KOFES, 1994 E 2001; CHAMBON, 1995 E DAVIS, 2003).

História de vida: possibilidades de aplicação na pesquisa em administração

Conforme apontamos anteriormente, a história de vida conquistou a sua legitimidade a partir do fortalecimento das abordagens qualitativas na investigação em ciências humanas e sociais. Ela passou a ser utilizada mais amplamente em diversas áreas do saber, a exemplo da história, da antropologia, da psicologia, da literatura, da educação.

Embora bastante conhecida e utilizada nestes campos do conhecimento, ela é bem menos comum na área de administração. Assim, nesta parte do texto, buscamos a contribuição de autores que têm proposto e discutido a utilização dessa estratégia metodológica na administração, trazendo alguns exemplos retirados da literatura nacional e internacional e da nossa experiência. Examinando e refletindo sobre essa literatura é possível pensar e propor um conjunto de temas que podem ser estudados empregando-se a história de vida, com a expectativa de resultados promissores.

Retomando alguns pontos essenciais para se pensar a utilização da história de vida no âmbito das organizações vale a pena destacar que, segundo Queiroz (1991), esta metodologia possibilita

... o esclarecimento de relações coletivas entre indivíduos num grupo, numa camada social, num contexto profissional, noutras épocas e também agora. [Descobrir relações sociais] ... a maneira pela qual diferentes camadas sociais, diferentes grupos, homens e mulheres, várias faixas de idade estão experimentando as mudanças que ocorrem, segundo que valores as estão encarando, quais as normas que aceitam para seus comportamentos e quais as que rejeitam (p. 19-20).

Jones (1983), ao escrever sobre a contribuição da história de vida no campo da administração, defende que ela constitui-se numa das mais adequadas metodologias de pesquisa quando queremos verificar “como” as pessoas criam e relatam o mundo social ao seu redor. Usando esta metodologia podemos desenvolver uma estrutura interpretativa por meio da qual significados da experiência são revelados. Ela toma como dados de pesquisa os relatos dos indivíduos acerca de suas vidas ou de segmentos específicos de seu mundo social (como por exemplo, as experiências de trabalho e não-trabalho estudadas pelo autor). Os relatos obtidos devem documentar o relacionamento entre o indivíduo e a realidade social, descrever as formas de esse sujeito interpretar os contextos nos quais sua vida tem sido conduzida e os significados atribuídos à sua participação nesse processo. Dessa forma, este autor se mostra atento aos debates contemporâneos em torno desse método discutidos na seção anterior.

Este é também o caso de Musson (2004). Ele reafirma que seria um erro entender a história de vida enquanto uma metodologia exclusivamente individualista. Embora ela tenha como foco as experiências dos indivíduos num período de tempo, assume que tais vidas movem-se ao longo da história e da estrutura social, podendo, assim, prover um entendimento que se estende além daquela vida para abarcar o contexto mais amplo das organizações, instituições, culturas e sociedades. Musson chama a atenção para o fato de que uma história de vida não pode, portanto, ser contada sem referência às mudanças históricas e sociais que a acompanham. Ora, considerando que constantes mudanças também estão presentes na vida das organizações, e que parte da pesquisa em administração busca entender estes processos, a história de vida pode ampliar nosso entendimento a respeito deles, examinando os significados que as pessoas atribuíram às suas vidas durante períodos caracterizados como de mudanças e transformações no interior das organizações.

Para Musson (2004) e Jones (1983) vários processos e eventos que envolvem os indivíduos e as organizações podem ser estudados usando-se a história de vida. Destacam as questões de pesquisa que tratam de temas como: desenvolvimento de carreira, comportamentos e ações empreendedoras, processos de socialização e interação social por meio dos quais se constrói determinadas práticas de trabalho, estilos gerenciais. De acordo com Musson (2004), embora muito da pesquisa organizacional tenha um foco gerencial, as organizações são compostas por diferentes grupos de pessoas com vozes que raramente são ouvidas. Assim é possível pensar que a história de vida pode trazer importantes contribuições quando a preocupação do pesquisador é “ouvir outras vozes”, ou seja, aquelas que representam grupos minoritários e/ou historicamente excluídos das posições de poder e prestígio nas organizações.

Interessantes exemplos de pesquisas que estudaram questões relativas ao desenvolvimento de carreira, utilizando como abordagem metodológica a história de vida, podem ser encontrados em Rippon (2005), que examinou a carreira de professores, ou Woodall et al. (1995) e O’Neil e Bilimoria (2005), que focaram a carreira gerencial de um grupo de mulheres.

Um tema correlato aparece em Olesen (2001), que se preocupou em examinar a questão da identidade profissional enquanto processo de aprendizagem a partir de um conjunto de trinta e sete entrevistas conduzidas segundo a modalidade história de vida. Ainda neste campo, vale a pena ressaltar a pesquisa conduzida por Connell (2007) a respeito do trabalho intelectual conduzido por pessoas que desempenham funções que envolvem a mobilização do conhecimento, a articulação de idéias e o gerenciamento de relações sociais. As entrevistas de história de vida realizadas com os participantes da pesquisa (dezesseis ao todo) focaram: antecedentes pessoais, treinamento, carreira, trabalho recente, locais de trabalho, conexões internacionais, viagens, uso da tecnologia, assim como outros aspectos relativos à visão de mundo dos entrevistados.

O potencial da história de vida nos estudos organizacionais pode ser encontrado também em pesquisas focadas no empreendedorismo. Exemplos significativos nessa área são fornecidos pelos trabalhos de Rae (2000, 2004, 2005), realizados com o objetivo de compreender como as pessoas desenvolvem habilidades empreendedoras por meio da aprendizagem.

Num primeiro estágio Rae (2000) conduziu entrevistas de histórias de vida com treze pessoas cujas carreiras denotavam significativa capacidade empreendedora. As pessoas participantes da pesquisa pertenciam a diferentes ramos de negócios e tinham idade entre trinta e sessenta anos. Cada uma delas foi solicitada a “contar sua história”, ressaltando como ela tinha construído seu negócio e descrevendo suas experiências de aprendizagem e suas carreiras. Os resultados obtidos possibilitaram a identificação de estágios de vida que as pessoas experienciaram em suas carreiras e a elaboração de um modelo conceitual bastante

útil, tanto do ponto de vista pragmático, quanto da pesquisa acadêmica. Para Rae (2000) a metodologia de história de vida permitiu o acesso direto às experiências reais, vividas, dos empreendedores, possibilitando que o pesquisador pudesse assumir um papel de participante ativo, tornando o processo de construção do modelo mais criativo.

Todavia, esse autor apontou também as desvantagens e/ou riscos da utilização da história de vida. Como principal desvantagem, aponta que a metodologia consome muito tempo, tanto do pesquisador quanto dos participantes, aspecto também citado em Musson (2004). Ressalta também o perigo de se focar o estudo no empreendedor como primeiro ator, excluindo-se os outros atores envolvidos tais como os empregados, consultores, investidores e parceiros, cujas histórias também podem ser significativas. Outra dificuldade relatada diz respeito a adoção de uma perspectiva interpretativa e construcionista como paradigma orientador do trabalho, exigindo do pesquisador um intensivo preparo para a condução da investigação.

Num segundo estágio relatado em Rae (2004), novas entrevistas foram realizadas obtendo-se um total de trinta que permitiram ao autor desenvolver histórias, estruturas e teorias baseadas na prática. A partir das histórias de vida o autor propõe e aprofunda o conceito de aprendizagem empreendedora (RAE, 2005), referendando o potencial dessa abordagem de pesquisa na geração de novos conceitos e teorias, indutivamente, a partir de dados construídos no campo.

No que se refere às pesquisas brasileiras em administração que fizeram uso da história de vida, dado ao caráter desse artigo, que, conforme afirmamos anteriormente, não se pretende um *overview*, optamos por destacar o trabalho de Batista-dos-Santos e Nepomuceno (2006). Trata-se de um rico exemplo do uso da história de vida para a compreensão das relações de trabalho, “especialmente no que toca aos elementos da subjetividade ante as reestruturações mediadas por intervenções tecnológicas” (p. 1).

O texto dessa pesquisa se estrutura a partir da experiência de um trabalhador, denominado Ian, com os sistemas de gestão da qualidade. Os autores informam que o trabalho adotou uma metodologia qualitativa, caracterizando-se como um micro-estudo, centrado nas dimensões humanas e seus sentidos e na rememoração do vivido. Abordou a vida profissional do pesquisado, suas atividades cotidianas, suas crenças e elementos simbólicos. Utilizou a entrevista em profundidade adotando o exercício da reflexividade em campo, tratando o entrevistado como sujeito e oferecendo-se como interlocutor e não como mero interrogador. Na realização das entrevistas – seis no total – foram adotadas as técnicas da história de vida (QUEIROZ, 1991), e do testemunho (BEVERLEY, 2000), coletando informações a partir da narrativa de eventos nos quais o sujeito tomou parte como protagonista ou como testemunha. Segundo os autores, “após as entrevistas iniciou-se um processo de imersão-impregnação-compreensão” que envolveu uma “escuta ativa e metódica” (p.4). Foi escrita uma narrativa sintética que envolveu um esforço de reflexão “por meio de um constante movimento pendular: entre as partes e o todo, entre a teoria e a práxis, entre as descrições e as representações” (p. 4).

No entanto, o esforço de desenvolver uma pesquisa calcada na metodologia da história de vida pode apresentar algumas dificuldades. Nesse sentido, citamos um estudo, ainda não publicado, desenvolvido para obtenção do título de mestre. Tal estudo tinha como objetivo identificar, descrever e compreender o papel que a reflexão desempenha no processo de aprendizagem experiencial de gerentes. Segundo o pesquisador, a proposta era utilizar-se do método da história de vida profissional, buscando estabelecer as linhas narrativas para organizar os conteúdo das histórias e sinalizar eventos ‘marcadores’ da história contada, conforme sugerido por Spink (1997). Assim, realizou duas entrevistas com sete gerentes de diferentes organizações. Contudo, ao examinarmos mais detidamente os resultados apresentados pela investigação realizada, o que fica evidenciado é o fato de o autor não ter

estabelecido uma associação da linha narrativa ao uso de categorias analíticas relacionadas com o tema foco do estudo (reflexão nos processos de aprendizagem), conforme é sugerido por Spink. De fato, o pesquisador utilizou-se do método de análise de conteúdo e extraiu categorias de análise a partir dos relatos dos sujeitos pesquisados. Além disso, elaborou as denominadas linhas narrativas estabelecendo uma ordem cronológica, temporal, de episódios marcantes da vida profissional dos gerentes, considerando sua trajetória profissional (similar a um sintético “*curriculum vitae*”), onde apresenta o primeiro emprego e a evolução de troca de organizações até o atual posto profissional do entrevistado.

Se retomarmos Bourdieu (2004, p. 81), observamos que:

A análise crítica dos processos sociais mal-analisados e mal-compreendidos que estão em jogo, sem que o pesquisador o saiba, na construção dessa espécie de artefato irrepreensível que é a “história de vida”, não é a sua finalidade. Ela leva à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes.

Poderíamos, então, dizer que no caso examinado, parece que se evidencia uma certa dificuldade em realizar uma interpretação da riqueza dos relatos dos sujeitos pesquisados e estabelecer o que Bourdieu denomina de alocações e deslocamentos no espaço social. Ou, tomando como referência Bloom (1995), vale ressaltar que em história de vida não podemos pretender mapear a vida linearmente, usando da simples lógica de fatos sucessivos, pois as representações sociais são construídas pelos sujeitos de maneira bem mais complexa. Enquanto intérprete, o pesquisador precisa levar às últimas conseqüências o pressuposto de que as vidas estão abertas a múltiplas interpretações. Portanto, se a história de vida é muito mais do que a coleta de eventos que aconteceram com um indivíduo, a preocupação deve estar em se envolver a dimensão intertextual e intercontextual de análise. Assim, as duas técnicas escolhidas para realização do estudo em questão deveriam se interpenetrar e complementar-se. Contudo, ao que parece, não foram exploradas em suas potencialidades pelo pesquisador.

Finalizando essa seção, apontamos que o exame deste conjunto de exemplos nos permite refletir sobre duas possibilidades do uso da história de vida em administração. Uma, como apresentada em Batista-dos-Santos e Nepomuceno (2006), centrada em um único sujeito e orientada por roteiros que visam reconstituir a trajetória de vida de determinada pessoa. Outra, como descrito nos estudos de RAE (2000, 2004, 2005), envolvendo um conjunto de entrevistas que se referem a experiências ou processos vividos pelos entrevistados sobre determinados temas de interesse do pesquisador.

Considerações Finais

Embora bastante conhecida e utilizada em diversas áreas do saber, a exemplo da sociologia, da história, da antropologia, da psicologia, da literatura e da educação, as potencialidades da história de vida ainda são pouco exploradas no campo da administração. O nosso propósito maior nesse artigo é contribuir com o preenchimento dessa lacuna, possibilitando assim um efetivo alargamento das estratégias metodológicas adotadas no âmbito da pesquisa em administração. Acreditamos firmemente que, levando em conta os debates contemporâneos a respeito da sua aplicação, a história de vida representa uma alternativa promissora para o avanço do conhecimento em diferentes áreas dessa disciplina.

A partir dos estudos que foram resenhados, é possível sugerir um conjunto de temáticas de pesquisa em administração que podem ser estudadas através do recurso à história de vida. Assim uma de nossas intenções com este artigo é estimular os pesquisadores a adotarem essa possibilidade metodológica para analisarem, dentre outros, temas como: transformações e mudanças organizacionais; carreiras, grupos ocupacionais e profissões;

identidades e diversidade nas organizações; comportamentos e ações empreendedoras; práticas e significados do trabalho; formação gerencial e práticas de gestão; empresas familiares.

Para concluir, lembramos que tanto Queiroz (1991), como Bertaux (1993) ressaltam que nem todas as pesquisas que fazem uso da história de vida precisam obrigatoriamente abranger a totalidade da existência dos sujeitos. Em muitos casos, os fragmentos de histórias de vida têm grande interesse porque focalizam justamente uma determinada temática que se quer conhecer, delimitando o interesse do pesquisador por determinados fenômenos e situações sociais vividas. Esta é uma advertência importante para a administração, se a entendemos como a ciência devotada à compreensão dos indivíduos nas organizações. Mas, com isso não pretendemos sugerir que a compreensão do drama humano nas organizações possa prescindir do seu enquadramento no contexto histórico-social mais amplo. Ao se lançar na utilização da história de vida como estratégia metodológica, cada autor, cada novo estudo, deve encontrar, artesanalmente, uma forma própria de promover essa articulação.

Bibliografia

- ACEVES, E. Práctica y estilos de investigación en la historia oral contemporánea. **Historia y Fuente Oral**, v.12, p. 143-150, 1994.
- BATISTA-DOS-SANTOS, A. C.; NEPOMUCENO, L. H. Capitalismo (in)flexível, reestruturação produtiva, novas tecnologias, subjetividade: do testemunho de um trabalhador-gestor à crítica dos sistemas de qualidade. In: 30º. EnANPAD – ENCONTRO CIENTÍFICO DE ADMINISTRAÇÃO, 2006, Brasília. **Atas ...** Brasília: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2006. 1 CD-ROM.
- BECKER, H. A história de vida e o mosaico científico. IN: **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERTAUX, D. La perspectiva biográfica: validez metodológica y sus potencialidades. IN: MARINAS, J.; SANTAMARINA, C. **La historia oral**. Madrid: Ediciones Debate, 1993. p. 149 –170.
- BEVERLEY, J. Testimonio, subalternity and narrative authority. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. **The Sage Handbook of qualitative research**. 3rd. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.
- BLOOM, L.; MUNRO, P. Conflicts of selves: nonunitary subjectivity in women administrators' life history narratives. In: HATCH, J.A.; WISNIEWSKI, R. (ed.) **Life History and Narrative**. UK: The Falmer Press, 1995.
- BORDIEU, P. A Ilusão Bibliográfica. IN: **Razões práticas**. Campinas: Papyrus, 2004.
- BRYMAN, A. Interviewing in qualitative research. IN: **Social research methods**. Oxford, Oxford University Press, 2004.
- CHAMBON, A. Life history as a dialogical activity: "if you ask me the right questions, I could tell you". **Current Sociology**, 43(2/3), 1995.
- CONNELL, R. Managing social relations: the dimensions of intellectual labour. **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 27, n. 1/2, p. 19-31, 2007.
- CRAPANZANO, V. Life-histories. **American anthropologist**, 86(4), 1984.
- CZARNIAWSKA, B. Narrative, interviews and organizations. In: Gubrium, J.; Holstein, J. (eds.) **Handbook of interview research**. Newbury Park, CA, London & New Dehli, Sage Publications, 2002.
- DAVIS, K. Biography as critical methodology. **Biography and Society**. Research Committee 38 of the ISA, 2003.
- FARADAY, A e PLUMMER, K. Doing Life histories. **The sociological review**, v. 27, n. 4, 1979.

- GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- KOFES, S. Experiências sociais e interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, vol. 3, 1994.
- KOFES, S. Itinerário, em busca de uma trajetória. IN: **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas, Mercado de Letras, 2001.
- JONES, G. R. Life history method. In: MORGAN, G. (ed.) **Beyond method: strategies for social research**. Beverly Hills, CA: Sage, 1983. p. 147-159.
- LINCOLN, Y.; GUBA, E. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (ed.) **Handbook of qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000. p. 163-188.
- MASON, J. (2002). "Qualitative interviewing". In: *Qualitative researching*. London, Sage.
- MUSSON, G. Life histories. In: Cassell, C.; Symon, G. (ed.) **Essential guide to qualitative methods in organizational research**. London: Sage, 2004. p. 34-44.
- OLESEN, H. S. Professional identity as learning processes in life histories. **Journal of Workplace Learning**, v. 13, n. 7/8, p. 290-297, 2001.
- O'NEIL, D. A.; BILIMORIA, D. Women's career development phases. **Career Development International**, v. 10, n. 3, p. 168-198, 2005.
- QUEIROZ, M. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Queiroz, 1991.
- RAE, D. Understanding entrepreneurial learning: a question of how? **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, v. 6, n. 3, p. 145-155, 2000.
- RAE, D. Practical theories from entrepreneurs' stories: discursive approaches to entrepreneurial learning. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 11, n.2, p. 195-202, 2004.
- RAE, D. Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 12, n. 3, p. 323-335, 2005.
- RIESSMAN, C. K. "Analysis of personal narratives". In: Gubrium, J.; Holstein, J. (eds.) *Handbook of interview research*. Newbury Park, CA, London & New Dehli, Sage Publications, 2002.
- RIPPON, J. H. Re-defining careers in education. **Career Development International**, v. 10, n. 4, p. 275-294, 2005.
- SPINK, M. J. P.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. P. (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 93-122.
- WOODALL, J. et al. Winning the lottery? Organizational restructuring and women's managerial career development. **Women in Management Review**, v. 10, n. 3, p. 32-39.